

Bloco de Notas

O que pensam Bush e Putin?

Hugo Young nota, num artigo publicado recentemente no *The Guardian*, que em breve dois dos mais poderosos países do Mundo poderão ser governados por dois homens de quem se sabe pouco: George W. Bush nos Estados Unidos (admitindo que ele vença) e Vladimir Putin na Rússia. O primeiro não esconde a sua inexperiência no que toca a relações externas, tendo mesmo já, em algumas ocasiões, provocado o embaraço dos seus conselheiros. A sua visão da política externa dos EUA parece oscilar, segundo Young, entre um desinvestimento do mundo (maior preocupação com “os vizinhos próximos”) e uma política de segurança mais “dura”. Quanto a Putin, pouco se sabe ainda das suas opções políticas, mas Young prevê para a Rússia, numa perspectiva optimista, uma mistura de Estado policial com o início de uma economia de mercado honesta. Em que bases Bush (caso vença) e Putin poderão estabelecer o seu diálogo é ainda uma incógnita. ■



Mediterrâneo marginalizado

A globalização tem vindo a contribuir para uma marginalização crescente dos países das margens sul e leste do Mediterrâneo. Esta foi uma das principais conclusões do terceiro Fórum de Desenvolvimento Mediterrânico do Banco Mundial, realizado no mês passado no Cairo. Apesar dos esforços desenvolvidos na última década, e das tentativas para aumentar o investimento estrangeiro directo (IED), a região do Médio Oriente e Norte de África (Mena) continua a não receber mais do que 1% do IED global. “A região arrisca-se a ficar cada vez mais dependente de exportações de bens energéticos e de produtos manufacturados pouco especializados”, explicou John Page, responsável do Banco Mundial para a Mena. Vários economistas defenderam a necessidade de criar um conjunto de leis e regras básicas para regular a concorrência na região – uma ideia que se tornou mais premente depois da reunião da Organização Mundial do Comércio em Seattle, onde os países em vias de desenvolvimento perceberam as enormes dificuldades em fazerem-se ouvir. ■

FBI em Budapeste



O FBI (Federal Bureau of Investigation) prepara-se para abrir este mês a sua primeira agência na Europa, noticiou o *New York Times*. A cidade escolhida foi Budapeste, o que revela a preocupação do Estados Unidos com o aumento das actividades do crime organizado proveniente da Rússia e de outros países de Leste. A capital húngara serve de placa giratória ideal para muitos pa-

Coordenação: Alexandra Prado Coelho

drinhos do Leste, que daí estendem os seus negócios para a Europa Ocidental e os EUA – e foi o próprio Governo húngaro que pediu a ajuda norte-americana para dismantlar essas redes. A notícia do *NYT* não agradou às autoridades húngaras, e o adido de imprensa da embaixada americana em Budapeste foi obrigado a explicar que não se trata exactamente da abertura de uma agência, mas sim do envio de quatro agentes para a Hungria, onde funcionarão na dependência das autoridades húngaras. ■

Crise petrolífera

A subida dos preços do petróleo está a provocar um aceso debate entre os países produtores no Médio Oriente, tornando-se mesmo um teste para o relacionamento entre o Irão e a Arábia Saudita, que tinham recentemente iniciado uma política de aproximação. Mas o debate é sempre a curto prazo e muitos especialistas em questões energéticas consideram urgente começar a pensar a longo prazo. Nicolas Sarkis analisa, no *Le Monde Diplomatique*, as perspectivas de evolução, recordando que as reservas começaram a diminuir nos anos 60. Sarkis cita um estudo de Colin Campbell, da Petrodata Group Company, publicado em Novembro, segundo o qual a partir de 2005 as reservas começarão a esgotar-se a um ritmo de 3% ao ano. Porque este é um assunto que todos querem evitar e porque os principais interessados – os países exportadores, os importadores e as companhias petrolíferas – não parecem dispostos a colaborar e a preparar o futuro, o autor do artigo intitulado “Petróleo, o Terceiro Choque?” prevê a partir de 2005 “um sismo para a indústria petrolífera e para toda a economia mundial”. ■



Ucrânia reforma Exército

A Ucrânia está a aumentar a cooperação com as organizações ocidentais em vários domínios. O Exército ucraniano iniciou uma reforma sem precedentes, um projecto que deverá prolongar-se pelo menos pelos próximos cinco anos e que conta com um apoio fundamental: a NATO. Kiev pretende que no final as suas Forças Armadas estejam mais próximas do modelo europeu. Por enquanto as dificuldades são muitas. Por um lado, o orçamento militar tem vindo a diminuir; por outro, a Ucrânia continua a ter uma enorme dependência das importações de gás natural da Rússia – pagas muitas vezes com equipamento militar, como aconteceu em Fevereiro com a entrega por Kiev dos seus dois últimos bombardeiros estratégicos *Tu-160* aos russos em troca de mais um fornecimento de gás natural. ■

